

MEC/INEP/CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO RECIFE

OBSTÁCULOS PSEUDO-DIDÁTICOS À CRIATIVIDADE DA CRIANÇA.

Maria Graziela Peregrino

RECIFE, NOVEMBRO, 1972

OBSTÁCULOS PSEUDO-DIDÁTICOS À CRIATIVIDADE DA CRIANÇA

Maria Graziela Peregrino

Numa política do livro didático para a criança, é preciso que estejam presentes e atuantes determinados princípios de psicologia, sem se desconhecer, ou menosprezar, outros princípios de estética, além dos de conduta ética e social.

Cabe-me analisar, agora, a importância dos princípios de psicologia, aplicáveis à criatividade da criança.

Não é demasiado insistir nos condicionamentos psicológicos da criatividade, seja essa criatividade da criança ou do adulto. Os manuais e tratados, e ainda as monografias, as dissertações e as teses doutorais, ou também os levantamentos e as pesquisas em bases científicas, nos últimos decênios, vem enriquecendo a chamada literatura psicológica, e ressaltando as contribuições originais, que revelam as relações entre os condicionamentos psicológicos e a criatividade pessoal.

Como, portanto, esquecer ou minimizar a atuação dos princípios e dos condicionamentos psicológicos, quando se trata da criatividade da criança?

Dentre alguns princípios psicológicos que precisam ser lembrados, ao se tratar da elaboração e publicação de livros chamados impropriamente de exercícios de arte, ou de desenho infantil, valem ser analisados, pelo menos, os que vem a seguir.

I) A criança é espontânea e criadora, em atividades de jogo e de trabalho. Por isso precisa ser preservada, na sua livre iniciativa, em vista de obstáculos deformadores da sua originalidade. Ora, se a criança é espontânea e criadora, como poderão contribuir os seus mestres (adultos, em geral com padrões perfeccionistas e corretores) e os seus livros (em geral, com padrões somente feitos e apresentados por adultos), sem deformarem a visão da criança ?

Eis uma questão que me surge, frequentemente, em face do aumento crescente e incontrolável de livrinhos e cadernos de desenhos, feitos para servirem de "modelos para colorir". São exemplares que estão se comercializando cada vez mais, com a anuência de professores e de pais não advertidos da distorção que essa prática chamada erradamente "de ensino moderno" está produzindo. Livros e cadernos que trazem as imagens prontas, pre-modeladas para servirem de padrões de colorido às crianças que os manuseiam estão contri-

buindo para a deformação da criatividade da criança. São essas páginas com modelos estereotipados, com traços rígidos, dentro de uma concepção adulta corretista, que estão introduzindo uma limitação coercitiva nos padrões da criatividade da criança. Pelo menos, esses fatos podem ocorrer: 1º) a criança vê o desenho "bem feito" do adulto e se desestimula a fazer um desenho seu, original, pois se auto critica no modelo do adulto. Corta a sua espontaneidade.

2º) a criança, quando não se inibe totalmente, diante do modelo perfeccionista que tem diante de si, apenas se limita a transpor para a página seguinte do caderno o mesmo colorido, exatamente igual, ao que observou na página comercial impressa.

3º) a criança, após uma série de exercícios, de não criar nada de novo e de copiar sempre as cores que vê, perdeu, pelo menos, diminuiu o seu aparente entusiasmo inicial, porque a rotina da repetição - das cores vai enfraquecendo a sua motivação pessoal.

4º) a criança, através

do exercício sem imaginação, limitado a uma superfície padronizada, perde, ou pelo menos, reduz o seu interesse pelo desenho, pela experiência de arte, através das tintas e do seu traçado livre, porque lhe falta o verdadeiro estímulo interior à ação (de liberação pessoal).

5º) a função catártica da arte, como expressão de situações afetivas e emocionais, fica sensivelmente diminuída e prejudicada, com essas barreiras de ordem sócio-cultural que os desenhos aparentemente inócuos representam.

II. Ainda, levando em consideração outro princípio psicológico de que a criança é flexível ao uso de recursos e técnicas de aprendizagem, é preciso analisar o que pode ocorrer, quando esse princípio, aplicado a casos concretos, é contrariado, na ação pessoal.

Se a criança é flexível, quanto ao uso, que ela mesma inventa e cria, de recursos e técnicas de aprendizagem, não é razoável bitolar uma conduta estética, sob a alegação superficial, ou sob o pretexto didático de que é preciso desenhar "certo" como adulto para ser um bom aluno. Jamais deveria haver equívoco estético de tão inconsistente fundamento e

de tão incoerente aplicação. O adulto, que pretende "orientar" o trabalho criador da criança, precisa ser bastante compreensivo para não mutilar a expressão de criança da criança, sob pena de vê-la desgastar-se e desinteressar-se.

Eis porque a criança que começa a usar os orn derninhos de imagens para colorir, no começo se entusiasma com os modelos "perfeitos" dos adultos, mas, em breve, perde o gosto em criar e inovar, porque as barreiras pseudo-didáticas desgastam o seu senso de improvisação, o seu "élan" e a sua empatia com a obra que poderia criar e alimentar, com o estímulo dos apreciadores de sua arte. Aqui é preciso ressaltar a auto-estima da criança que lhe permite apreciar como "de valor" a sua "obra de arte".

Pode-se questionar, se toda criança que se acostuma a desenhar e pintar conforme modelos ficará um "criador frustrado". Não é necessário exagerar as coisas, nem dramatizar as situações, pois, evidentemente, há outros fatores, na vida e na educação da criança, que neutralizam essas influências. Ou que as superam, no caso de serem as suas capacidades pessoais fortes e marcantes, reveladoras, talvez,

de um talento de artista.

Convém não esquecer a posição defendida por psicólogos da arte e por estetas, de que o artista quando é frustrado é mais artista, porque mais sofre e mais se condiciona emocional e afetivamente no seu próprio processo pessoal.

É preciso não confundir essa posição que analisa a conduta do artista adulto, com o processo em desenvolvimento, aqui apontado, de uma criança que, a rigor, contraria a sua espontaneidade criadora e a sua criatividade pessoal ainda incipiente, pela supremacia de um modelo rígido e formal. Não se trata, pois, de uma frustração no sentido psicanalítico (ortodoxo ou não). É preciso distinguir, para não concluir a pressadamente.

III. Outro princípio psicológico de possível aplicação à criatividade diz respeito à necessidade de liberação emocional e afetiva da criança.

É um fato que se pode verificar, através de numerosas experiências de vida, as quais podem ser objetivamente analisadas e mensuradas, através de métodos científicos.

Basta lembrar as experiências de arte infan

til, de ludoterapia e de praxiterapia, sem esquecer outras, igualmente valiosas, que podem fornecer indicadores diversificados da sua dinâmica emocional e afetiva, tanto em crianças normais, com em sub e superdotadas.

Se uma expansão natural da emotividade e afetividade pode ocorrer, não há razões de tornar o exercício escolar da chamada arte uma contrafação dessa espontaneidade criadora.

O professor de arte infantil precisa estar perfeitamente consciente da necessidade - de a criança se afirmar, pela expressão livre e criadora, extravazando a sua emotividade e a sua afetividade, sem se prender a modelos - impostos pelo adulto.

Aqui, volto a lembrar os inconvenientes de ordem prática (sem esquecer, todavia, a necessária fundamentação conceitual) pelos quais atuam, de modo negativo e contraproducente, os chamados "modelos para colorir", copiando.

É preciso lembrar que os "modelos para colorir" são matrizes que não estimulam a criatividade, mas, antes, a perturbam. Não despertam o senso das cores, mas deformam o gosto e a capacidade imaginativa da criança e, o que é pior, prejudicam a liberação espontânea

da cor, como sinal revelador de sua problemática emocional e afetiva.

Qualquer estudioso de psicologia da arte infantil não pode ignorar o que as cores revelam e significam, ao longo de experiências estéticas ou didáticas espontâneas, em termos de conflitos, neuroses, insegurança pessoal, problemas da mais diversificada conotação pessoal e familiar da criança.

E nem tem sido desprezível a contribuição das técnicas projetivas para o estudo e o diagnóstico da conduta pessoal, especialmente com a expansão das técnicas liberadoras usadas na pintura e no desenho, sem esquecer outros recursos das artes plásticas.

Dai a valorização que, nos dias atuais, está se atribuindo ao trabalho criador da criança (e aqui não excluo o do adolescente, mas apenas o deixaria para uma consideração especial), em face mesmo da expressão, de vida e de personalidade, que está na base de uma mensagem estética.

Resta aprofundar o sentido da mensagem estética da criança, em seu potencial criador e expressivo de uma personalidade - em processo de formação e de afirmação.